



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 02/05/2019



Bombeiros brasileiros salvam vítimas de novo ciclone em Moçambique

Posted: 30 Apr 2019 09:41 AM PDT



Bombeiros brasileiros em operação de busca e salvamento em Pemba. Foto: Bombeiros do Brasil

Em meio à passagem do ciclone Kenneth por Moçambique, uma ação coordenada entre agências da ONU, o governo moçambicano e bombeiros brasileiros salvou a vida de centenas de pessoas no último domingo (28) em Pemba, capital da província de Cabo Delgado, no norte do país. A tempestade tropical, que chegou na quinta-feira

passada (25) ao território moçambicano, destruiu até 90% das residências em algumas aldeias.

“Nós tiramos muitas pessoas de áreas vulneráveis que estavam completamente alagadas. A água foi subindo e destruiu muitas áreas residenciais. Se as pessoas estivessem lá, provavelmente não teriam resistido. Mais de cem poderiam ter sido vítimas fatais e foram só vítimas de um alagamento”, contou o capitão Kleber Castro, que comandou a operação de busca e salvamento.

A equipe do Brasil foi enviada para Moçambique há mais de um mês, para atender às vítimas do ciclone Idai. Bombeiros têm apoiado as autoridades e as Nações Unidas em resgates e na reconstrução de localidades destruídas.

O porta-voz do Escritório da Nações Unidas para Assuntos Humanitários (OCHA) no país, Saviano Abreu, acompanhou a evacuação do final de semana. De acordo com a ONU, o ciclone Kenneth afetou mais de 168 mil pessoas. Dados iniciais da província de Nampula indicam que outros 42 mil moçambicanos foram deslocados devido às chuvas e cheias. Estima-se que mais de 7 mil mulheres grávidas estejam em risco de dar à luz em condições inseguras nas áreas atingidas.

“Nosso principal desafio está ligado às condições climáticas para chegar às comunidades. Eu estive no Bairro Mahate, onde muitas pessoas estavam em áreas em risco de deslizamento. Corremos para lá e ativamos um dispositivo para tirá-las das áreas propensas a inundações. Com as chuvas fortes, a operação está sendo muito complicada e temos que lutar contra o tempo para salvar vidas”, explicou Saviano.

O Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) também apoiou as operações de busca e resgate no domingo passado. O organismo tem prestado assistência à população moçambicana desde a passagem do Idai, em março.

A agência já distribuiu mais de 4 mil “kits de dignidade” para as mulheres, com itens de higiene pessoal. A instituição da ONU também montou clínicas de atendimento dedicadas à prevenção e ao combate à violência de gênero. O organismo treinou ativistas e parceiras que vão atuar em regiões de maior vulnerabilidade.

“Neste momento, estamos a avaliar os nossos estoques remanescentes de kits de maternidade (com equipamentos para atender a mulheres grávidas e em trabalho de parto) na Beira para depois os enviarmos, através dos parceiros de implementação, para os centros de saúde afetados em Cabo Delgado”, disse o coordenador humanitário do UNFPA, Ingo Piegeler.

“Também estamos a organizar a distribuição de kits de dignidade e kits de saúde sexual e reprodutiva”, explicou o representante da agência.

UNICEF: ciclone deixa mais de 360 mil crianças em risco

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) afirmou no sábado (27) que mais de 368 mil crianças em Moçambique estavam em risco e poderiam necessitar de apoio

humanitário devido à chegada do Kenneth. A agência alertou que, segundo meteorologistas, pode continuar chovendo durante dias — o que aumenta o risco de inundações e deslizamentos de terra nas áreas afetadas.

“Cabo Delgado não tem histórico de ciclones e estamos profundamente preocupados com o fato de que as comunidades na área não estejam preparadas para a escala da tempestade, colocando crianças e famílias em uma situação muito precária”, disse Michel Le Pechoux, representante adjunto do UNICEF em Moçambique.

“O solo está saturado com a chuva e os rios já estão cheios, então a emergência provavelmente piorará com as enchentes nos próximos dias. Estamos fazendo todo o possível para obter equipes e suprimentos no local para manter as pessoas seguras.”

O UNICEF tem equipes em Cabo Delgado, especializadas em saúde, nutrição, proteção infantil, água e saneamento. Às vésperas da passagem do ciclone Kenneth, os profissionais da agência da ONU separaram suprimentos, incluindo kits de saúde e produtos de purificação de água, para acelerar a resposta de emergência.

Esta é a primeira vez na história registrada que dois ciclones tropicais fortes atingiram Moçambique na mesma temporada. A devastação causada pelo Idai e pelo Kenneth pode elevar o número de crianças que precisam de assistência humanitária para quase 1,4 milhão.

Após o ciclone Idai em março, o UNICEF lançou um apelo de 122 milhões de dólares para apoiar a resposta humanitária em Moçambique, Zimbábue e Malauí nos próximos nove meses.

O organismo internacional está arrecadando doações também no Brasil. As contribuições podem ser pelo telefone 0800-9400404.

FONTE: <https://nacoesunidas.org/bombeiros-brasileiros-salvam-vitimas-de-novo-ciclone-em-mocambique/#gallery-158761-2-slideshow>



Escola em Itaipava participa da política pública de Defesa Civil nas Escolas

Alunos da escola Bom Jesus Menino Jesus, em Itaipava, participaram das ações de conscientização de redução de riscos e desastres, um dos segmentos de prevenção realizados pela Defesa Civil nas Escolas. Os pequenos apresentaram os trabalhos que foram realizados durante toda a semana para a equipe de agentes da Defesa Civil, sobre proteção do meio ambiente.

Inédita no país e obrigatória na rede municipal de ensino, a política pública de Defesa Civil nas Escolas ganhou espaço nas salas de aulas dos colégios particulares. O objetivo é que os alunos desenvolvam a cultura de prevenção aos desastres de origem natural e de percepção de riscos. A novidade deste ano foi a inclusão do tema bem-estar animal dentro da proposta.

De acordo com a Defesa Civil, a ação já acontece em 180 escolas municipais e as escolas particulares já começaram a aderir a política pública, que foi aberta para todas as instituições.

A instituição realizou ações com crianças de 4 a 10 anos, trabalhando a Campanha 'Bichinhos do Jardim', ressaltando as questões de educação ambiental, prevenções, entre outros. A turma dos alunos de 2 anos, apresentou o projeto sobre a importância de cuidar dos jardins e das plantas. Já a turma de 3 anos, falou sobre a preservação do bichinho Tatu Bola que está em extinção. As crianças maiores brincaram com o jogo da Turma do Pedrinho, que ensina de forma lúdica as medidas adotadas em casos de emergências e questões de educação ambiental.

“Com esta ação, exploramos o espaço da escola, com os jardins, as plantas e foi muito gratificante este trabalho, pois vimos o resultado na sala de aula da conscientização dos alunos, além da interação com as outras turmas sobre o tema”, contou a professora dos alunos nível 2, Rayane Mezes de Moraes.

“Trabalhamos com a temática da preservação dos animais e meio ambiente, e os próprios alunos escolheram o tatu bola. O projeto foi amplo, com música, desenho, colagem tudo dentro do foco de criar o hábito da prevenção e preservação”, frisou a professora dos alunos nível 3, Daniela Kapler Botelho.

A política pública da Defesa Civil nas Escolas é mais uma ação de **prevenção aos desastres naturais**. A iniciativa vai reforçar todas as ações que trabalham a importância da prevenção não só no ambiente escolar, mas também na comunidade.

FONTE: <http://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/imprensa/noticias/item/12855-escola-em-itaipava-participa-da-pol%C3%ADtica-p%C3%ABblica-de-defesa-civil-nas-escolas>



EUA: inundações extremas do furacão Florence forçaram muitos a reconsiderar o que é necessário para melhorar a resiliência

Relatório sobre as novas realidades da resiliência ao clima severo examina sucessos e revela aprendizados do furacão Florença de 2018

O estudo analisa em detalhes as inundações e as consequências que resultaram do furacão Florence em 2018 na Carolina do Norte. Escrito em colaboração com a Zurich North America, a Zurich Flood Resilience Alliance e o ISET-International, o novo relatório, *Hurricane Florence: Construir resiliência para o novo normal* enfoca oportunidades, sucessos e aprendizados após o furacão Florence.

"Apesar do duplo golpe de Matthew e Florença, juntamente com um extremamente ativo, embora não diretamente prejudicial para a temporada de furacões da Carolina do Norte em 2017, as pessoas e empresas estão perdendo uma oportunidade de melhorar sua resiliência", disse Paul Lavelle, diretor de sinistros de Zurique. América do Norte. "As tendências são claras - os riscos naturais estão piorando. Agora é uma janela chave de oportunidade com a recuperação ainda em curso em muitas comunidades para agir e reduzir o risco futuro".

Principais conclusões

Os eventos climáticos estão mudando na natureza e os níveis do mar aumentaram visivelmente

Na Carolina do Norte e em outros lugares, o clima mudou visivelmente, os níveis do mar aumentaram visivelmente e é provável que essas tendências continuem. Dado que os eventos extremos se tornarão potencialmente mais frequentes e mais severos, as comunidades e os estados devem tomar medidas para aprender com os eventos passados e implementar percepções-chave como parte de sua recuperação e desenvolvimento para mitigar áreas de risco conhecido.

Os motivadores econômicos podem ser usados como alavancas para ação e inação

Em muitos setores, existe tecnologia comprovada para lidar com danos ambientais e, em muitos casos, as regulamentações estão nos manuais exigindo ação ou multas e impostos punitivos. Além disso, a opinião pública está cada vez mais se voltando contra indústrias e organizações que não estão tomando medidas para se tornarem mais resilientes e ambientalmente responsáveis. À medida que os eventos climáticos agudos se tornam mais comuns, atrasar a ação prejudicará a reputação e afetará os lucros.

"Diante desse risco crescente, é fundamental aprender com eventos como Florença, para minimizar os danos e otimizar a resposta e a recuperação para a próxima tempestade", disse Lavelle. "As comunidades não podem mais arcar com os negócios como de costume, literalmente. O crescente custo econômico e humano desses eventos exige que não apenas mudemos a maneira como reagimos, mas também façamos muito mais rapidamente do que no passado".

As inundações contribuem para a marginalização das comunidades vulneráveis

O reduzido tempo de recuperação e o apoio limitado à recuperação de várias autoridades exacerbam as disparidades na recuperação entre famílias de renda mais alta, em comparação com seus vizinhos de baixa renda e escassez de recursos. As comunidades com melhores recursos e segurados recuperam-se e reconstróem-se mais rapidamente, e mais provavelmente a tempo para a próxima tempestade, do que as comunidades com menos recursos e cobertura de seguro. Em muitas propriedades

duramente atingidas em Wilmington, na Carolina do Norte, havia apartamentos baratos em partes baixas da cidade. No quente e úmido rescaldo da tempestade, as propriedades danificadas pela água começaram rapidamente a se moldar e os proprietários de terras começaram a emitir avisos de rescisão de locação, provocando uma onda inesperada de pedidos de proteção uma semana a 10 dias após a tempestade.

A Escala Saffir-Simpson não é suficiente para explicar as consequências do furacão

A escala Saffir-Simpson usada para caracterizar a força dos furacões está se mostrando cada vez mais inadequada como forma de descrever ao público em geral o risco de um furacão. Furacões de categoria 4 e 5 são tempestades terrivelmente destrutivas e devem ser claramente reconhecidas como tal. Mas tempestades grandes, úmidas e lentas da categoria 1 e tropicais, como os furacões Harvey e Florence, que resultam em chuvas torrenciais e inundações podem ser tão destrutivas e mortais.

Mudar de intervenções isoladas para uma abordagem holística

Como as principais conclusões, as recomendações contidas no relatório reúnem os inúmeros temas que têm o poder de impactar a resiliência da comunidade durante eventos climáticos extremos. Em vez de abordar apenas questões isoladas, as comunidades e os funcionários do governo devem trabalhar de forma holística para avaliar e abordar questões sistêmicas.

“À medida que os eventos de enchentes se tornam mais intensos e frequentes, precisamos ser mais proativos”, disse a Dra. Karen MacClune, diretora executiva do ISET-International. “No entanto, nossos recursos permanecem finitos. Isso significa que precisamos usar com mais eficiência os recursos que temos. Uma maneira importante de fazer isso é através da coordenação e colaboração. A maioria das pessoas que lidera a resiliência está fazendo isso construindo redes ativas e diversificadas, focadas em objetivos comuns.”

Agora é a hora de agir na construção da resiliência em nível de comunidade

A pesquisa da Aliança de Resiliência contra Inundações de Zurique mostrou que projetos de construção de resiliência em nível comunitário evitam, em média, cinco dólares de perdas para cada dólar gasto antecipadamente. Um estudo recente realizado pelo Instituto Nacional de Ciências da Construção (NIBS), com dados disponíveis nos Estados Unidos, encontrou faixas de custo-benefício de 1: 4 até 1:12, e para enchentes que variam especificamente de 1: 5 até 1: 8 - números sólidos destacando que o investimento no início do resilience building compensa.

“Eu vi em primeira mão como pessoas e empresas resilientes podem ser capazes de superar e perseverar através de algumas das experiências mais devastadoras. No entanto, geralmente é preciso um pioneiro para insistir na mudança e reconstruir melhor ou desenvolver algo inovador e novo”, disse Lavelle.

Avaliar criticamente onde todas as partes interessadas optaram por construir

condados costeiros, Charlotte e a área do Triângulo tiveram um aumento na população na planície de inundação de 2000-2016. Isso, juntamente com o aumento da intensidade de furacões, significa que, sem mudanças na conscientização, na

preparação e na redução de riscos, os impactos sociais e econômicos dos principais eventos de risco naturais continuarão a aumentar.

E, no entanto, decisões políticas e regulatórias que não desencorajam o desenvolvimento em áreas altamente expostas estão resultando em aumento do risco de inundação em todo o estado. O relatório pede que os desenvolvimentos sejam mais intencionais sobre onde construir, como construir e gerenciar as expectativas de como as comunidades viverão e interagirão com o meio ambiente para se manterem seguras.

O seguro desempenha um papel importante na resiliência O seguro contra inundações é essencial para a recuperação, uma vez que os agregados familiares e as empresas com seguro são melhores do que os que não possuem. Em face do risco de inundação conhecido, o seguro deve ser um de um conjunto de ações. No entanto, o seguro só pode ir tão longe se não estiver associado a outras medidas preventivas / de redução de riscos.

As principais conclusões do relatório giram em torno de uma variedade de temas humanos, sociais, econômicos e políticos. A sociedade continua apoiando e subsidiando o investimento e o desenvolvimento desprotegido em áreas de alto risco, como costas expostas e enseadas de rios. O seguro que não precede com precisão o risco exacerba o problema.

Este novo relatório sobre Florença é a 14ª revisão pós-evento de Zurique de um evento climático severo. As lições aprendidas e recomendações delineadas no relatório fazem parte de uma série mais ampla de revisões pós-evento, usando a metodologia PERC (Post Event Review Capability), que a Aliança de Resiliência Flood de Zurique vem realizando desde 2013. As revisões pós-evento geram ações acionáveis ​​recomendações para reduzir danos futuros.

FONTE: <https://www.zurichna.com/en/zna/about/news/news-releases/2019/extreme-flooding-from-hurricane-florence-has-forced-many-to-reconsider>



Gestão integrada do risco de inundação urbana: aprendendo com a experiência japonesa

Jolanta Kryspin-Watson e Jia Wen Hoe

Assista a esta entrevista em vídeo para saber mais sobre as últimas tendências, desafios e oportunidades no campo do gerenciamento de risco de enchentes urbanas.

No verão de 1742, dois tufões varreram o Japão em rápida sucessão, trazendo torrentes de fortes chuvas e inundando grandes rios. Registros de um jovem monge

que testemunhou as enchentes descrevem uma onda lamacenta destruindo diques e varrendo aldeias. Enquanto os diques e os rios desmoronavam, as enchentes aumentaram em Edo, a maior cidade e capital política do Japão, diminuindo apenas alguns dias depois e resultando em fatalidades de 6.000 pessoas na cidade.

Embora as inundações não tenham sido uma ocorrência incomum no Japão, a Grande Inundação de Kanto, de 1742, foi a pior inundação no início da era moderna do país, e o primeiro desastre de inundação em sua maior área urbana. Ele destacou as mudanças de engenharia do rio que facilitaram o crescimento de Edo, mas também aumentou a vulnerabilidade da cidade às inundações.

Hoje, enquanto a ameaça de enchentes continua alta para o sucessor de Edo, Tóquio, a capacidade do Japão de gerenciar os riscos de enchentes urbanas só se fortaleceu. Uma característica notável dos esforços do Japão para combater as inundações urbanas é sua abordagem integrada, reunindo diversas partes interessadas e medidas para gerenciar os riscos de enchentes. As cidades japonesas desenvolveram e empregaram um conjunto dinâmico de medidas de gerenciamento de risco de enchentes, desde regulamentações, planos e estratégias para melhoria do rio em escala de bacia, soluções avançadas de infraestrutura, até mecanismos de coordenação e comunicação.

O 2º Mergulho Técnico Profundo (TDD) para Gestão Integrada de Risco de Inundação Urbana (IUFM) explora a experiência do Japão na mitigação dos riscos de enchentes, o que oferece lições valiosas para países que enfrentam desafios semelhantes de enchentes urbanas. As inundações urbanas representam uma séria ameaça para as cidades em crescimento em todo o mundo. Reconhecendo a necessidade de investir na resiliência das cidades às inundações, os investimentos do Banco Mundial em projetos de mitigação de enchentes urbanas aumentaram constantemente na última década. Apoiada pelo Fundo Global para Redução e Recuperação de Desastres (GFDRR), a Comunidade de Práticas Urbanas do Banco Mundial (UFCOP) promove uma abordagem integrada para o gerenciamento de riscos de enchentes urbanas e visa tornar o conhecimento sobre gestão de riscos de enchentes urbanos acessível e aplicável. facilitar a transferência de inovação, boas práticas e lições.

As principais lições da experiência do Japão no gerenciamento integrado de riscos de enchentes incluem o seguinte:

- **Avaliação de riscos e comunicação:** As abordagens devem ser selecionadas com base no tipo de inundação e nas características locais, refletem as necessidades e objetivos específicos das diferentes partes interessadas e são responsáveis pela incerteza das mudanças climáticas.
- **Planejamento e priorização:** O governo nacional desempenha um papel importante de apoio aos governos locais. As prefeituras também precisam intermediar o consenso entre as partes interessadas.
- **Implementação do investimento:** Sempre que possível, as medidas devem incluir sistemas multifuncionais que forneçam outros benefícios além do gerenciamento dos riscos de inundação. Também é necessário projetar e implementar mecanismos claros de governança.

- Operações e Manutenção (O & M): Monitoramento regular do desempenho e avaliação das medidas da IUFMR; e trabalhos regulares de inspeção, manutenção, reparo e substituição são necessários para a O & M sustentável.

Organizado em abril de 2016 e também sediado no Japão, o primeiro TDD foi estruturado em torno de quatro temas: (1) a abordagem em evolução no Japão; (2) planejando reduzir o risco de inundação; (3) integrar medidas não estruturais na gestão do risco de inundação; (4) transformar o planejamento em investimento em medidas estruturais fundamentais.

A edição deste ano baseia-se nas lições aprendidas e no feedback do 1º TDD, concentrando-se nas seguintes questões: (1) processos de avaliação e comunicação de risco de inundação urbana; (2) o planejamento e priorização de investimentos de redução de risco de inundação; (3) a implementação desses investimentos; e (4) como esses investimentos são operados e mantidos com vistas à sustentabilidade. Uma série de Notas de Conhecimento complementando os quatro tópicos do TDD também será publicada em breve.

Através de sua longa história refletindo e aprendendo de cada desastre de inundação urbana que remonta à Grande Inundação de Kanto, em 1742, o Japão reavaliou suas leis, planos e medidas. As cidades japonesas ao longo do tempo melhoraram sua capacidade de lidar melhor com os riscos de enchentes urbanas. O TDD e as próximas Notas de Conhecimento proporcionam uma oportunidade única para o aprendizado colaborativo da experiência do Japão, permitindo que os países desenvolvam uma compreensão mais profunda dos riscos de inundação urbana e da abordagem integrada necessária para gerenciar riscos de maneira eficaz.

O 2º TDD na IUFMR em Tóquio e Kobe de 22 a 26 de abril de 2019, co-organizado pela UFCOP, o Centro de Aprendizagem do Desenvolvimento de Tóquio (TDLC), o GFDRR, o Centro de Gestão de Riscos de Desastres de Tóquio (DRM) do Banco Mundial e o Ministério Japonês de Land, Infrastructure, Transport and Tourism (MLIT), e Kobe City, traz praticantes de todo o mundo para aprender uns com os outros e experiências internacionais e japonesas no IUFMR.

FONTE: <http://blogs.worldbank.org/sustainablecities/integrated-urban-flood-risk-management-learning-japanese-experience>



São Paulo conclui fase piloto de projeto da ONU sobre governança migratória

Representantes da cidade de São Paulo (SP) participaram neste mês (24) de encontro promovido em Nova Iorque pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) para discutir o uso de estatísticas no mapeamento de políticas públicas sobre

migrantes. Evento também teve a participação de delegações de Montreal, no Canadá, e Accra, em Gana. Os três municípios implementaram um projeto da OIM sobre governança migratória.

A reunião em Nova Iorque marcou a conclusão da fase piloto do programa Indicadores Locais de Governança da Migração (Local MGI, na sigla em inglês). Lançada em julho do ano passado, a iniciativa adaptava, para o nível municipal, os indicadores nacionais criados em 2015 pela OIM. Com essas estatísticas, a agência da ONU conseguiu ajudar 50 países a avaliar as suas estruturas de governança migratória.

Agora, o organismo internacional mira os esforços locais para gerir a migração. Os Indicadores Locais de Governança da Migração reúnem 87 índices que orientam as autoridades de municípios a identificar estratégias já implementadas, boas práticas e áreas que podem ser melhoradas. O projeto também permite que governos locais aprendam uns com os outros, discutindo desafios comuns e mapeando soluções potenciais.

“A principal qualidade do Local MGI é o diálogo que ele pode criar, não apenas entre autoridades locais e nacionais, mas também entre cidades que vivem desafios similares com relação à gestão da migração”, afirma o oficial de políticas de migração da OIM, David Martineau.

O encontro entre representantes de São Paulo, Montreal e Accra foi uma oportunidade de as cidades-piloto apresentarem os seus resultados no uso dos indicadores. Durante o evento, as delegações também discutiram como melhorar a metodologia do projeto da OIM para torná-la mais acessível a um número maior de cidades.

Os resultados das avaliações das três cidades, por meio dos indicadores, serão disponibilizados em breve em meio online, no [Portal de Dados sobre Migração da OIM](#). Nos próximos meses, a agência da ONU vai aperfeiçoar a metodologia para realizar a análise em mais cidades.

Para mais informações, entre em contato com David Martineau, do escritório da OIM em Nova Iorque: dmartineau@iom.int.

<https://migrationdataportal.org/local-mgi>

INEE

An international network for education in emergencies
Un réseau international pour l'éducation en situations d'urgence
Una red internacional para la educación en situaciones de emergencia
Uma rede internacional para a educação em situações de emergência
الشبكة العالمية لوكالات التعليم في حالات الطوارئ

Quadro Estratégico da INEE 2018-2023

Este documento pretende orientar a rede, ou seja, todos nós, no sentido de desempenhar um papel cada vez mais eficiente na garantia de educação de qualidade, relevante e em condições de segurança, para todas as pessoas afetadas por emergências ou crises prolongadas.

Como detalhado neste documento, a INEE continuará a liderar iniciativas, umas já existentes e outras novas e inovadoras, de acordo com 4 prioridades estratégicas:

1. Liderar linhas de pensamento e processos de advocacy à escala global.
2. Fortalecer a capacidade de assegurar uma educação de qualidade, relevante, equitativa e em condições de segurança para todas as pessoas.
3. Garantir, coadjuvar e sistematizar conhecimento no sentido de informar políticas e práticas.
4. Fortalecer e diversificar a comunidade de membros da INEE.

Em conjunto com estas prioridades estratégicas, a INEE irá, durante os próximos anos, dar enfoque a 4 áreas temáticas: 1. Coerência entre as fases humanitária e de desenvolvimento; 2. Qualidade da aprendizagem: definir e medir; 3. Saúde mental e bem-estar; 4. Juventude e desenvolvimento de competências. A definição destas áreas permite à rede envolver-se e contribuir em aspetos-chave da educação em situações de emergência de forma focada, através dos diferentes espaços da rede.

FONTE:[http://s3.amazonaws.com/inee-assets/resources/INEE Strategic Framework 2018-2023 Portuguese rev.4.24.19.pdf](http://s3.amazonaws.com/inee-assets/resources/INEE_Strategic_Framework_2018-2023_Portuguese_rev.4.24.19.pdf)

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>